



## OS ANTIGOS *BAIRROS NEGROS* DA CIDADE DE BUENOS AIRES: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-GEOGRÁFICA<sup>1</sup>

Beatriz Pereira Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Com base nos estudos geo-históricos, o presente artigo objetiva discutir a diáspora negro-africana na cidade de Buenos Aires, Argentina, e a formação dos antigos bairros negros, bem como as territorialidades produzidas por essa população. No escopo do artigo, inicialmente abordamos a perspectiva teórico-metodológica da Geografia Histórica para a compreensão dos fragmentos do passado, as relações sociais e a memória da cidade, pautado na categoria de análise espaço-tempo. Posteriormente, realizamos uma breve discussão sobre as fundações da cidade de Buenos Aires no contexto da colonização espanhola, e, por fim, tecemos uma relação da chegada compulsória de africanos/as na cidade e a formação dos antigos bairros negros.

**Palavras-chave:** Buenos Aires, antigos bairros negros, Geografia Histórica, América Latina.

### RESUMEN

Fundamentado en los estudios geo-históricos, este artículo tiene como objetivo discutir la diáspora negro-africana en la ciudad de Buenos Aires, Argentina, y la formación de los antiguos barrios negros y las territorialidades producidas por esa población. Inicialmente trataremos la perspectiva teórico-metodológica de la Geografía Histórica para la comprensión de los fragmentos del pasado, las relaciones sociales y la memoria de la ciudad, a través de la categoría de análisis espacio-tiempo. Después, realizaremos una breve discusión sobre las fundaciones de la ciudad de Buenos Aires en el contexto de la colonización española, y, al fin, hablaremos de la llegada compulsoria de africanos/as en la ciudad y la formación de los antiguos barrios negros.

**Palabras clave:** Buenos Aires, antiguos barrios negros, Geografía Histórica, América Latina.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida pela autora no Programa de Pós-graduação de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP).

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PPGH-USP) e membra do Núcleo de Estudantes e Pesquisadoras Negras do Departamento de Geografia da USP (NEPEN-GEOUSP), [pre.beatriz@yahoo.com.br](mailto:pre.beatriz@yahoo.com.br)



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa desenvolver uma análise sobre a presença africana e de seus descendentes, bem como, das territorialidades ainda grafadas na cidade de Buenos Aires. Partimos da investigação bibliográfica e entrevistas realizadas, que se constituem em dados empíricos desta pesquisa, para, assim, localizarmos os antigos bairros negros na cidade.

De posse desse levantamento preliminar buscamos evidenciar a formação dos antigos bairros negros da cidade entre os séculos XVIII e XIX e dos *espaços de socialização* dessa população, as *nações*, que representam, sobretudo, o lugar da organização política, econômica, social e cultural das distintas etnias africanas no espaço urbano bonaerense (SCHÁVELZON, 2003; MOLINA; LÓPEZ, 2012).

Atualmente, só olhares mais atentos, mesmo assim, não sem dificuldade, é possível captar vestígios da presença africana e afrodescendentes na paisagem urbana. Tal situação trouxe-nos inquietações, pois não é uma situação exclusiva de Buenos Aires, cidade investigada, repete-se também na cidade de São Paulo, por exemplo, como apontado por Moraes (2017). Vale ressaltar que entre os séculos XVIII e XIX, a cidade portenha registrou uma significativa e importante presença de africanos/as e de seus descendentes, fato que torna este estudo ainda mais relevante. Uma vez que estudos de referência, como os de George Reid Andrews (1989), Daniel Schávelzon (2003) e Lea Geler (2010), relatam a presença negra e a existência de antigos bairros negros na cidade de Buenos Aires.

Desse modo, nossa hipótese é a de que a modernização urbana, para além da valorização do espaço que antecede e se estabelece a partir das transformações e desdobramentos sociais, culturais e econômicos, está fundamentada em ideologias higienistas e assentada em teorias raciais, o que contribuiu para a expulsão de negros/as e indígenas do perímetro urbano de Buenos Aires e, também, para o apagamento histórico e geográfico desses grupos. Molina e López (2012) enfatizam que:

Mais do que uma desapareção, em termos de declinação demográfica, temos padecido da negação dos valores afro e, como consequência disso, há a “falta” de consciência de quem somos, do nosso valor, da nossa história, do nosso sofrimento e do que verdadeiramente significou e significa “ser afrodescendente” (p. 96, tradução nossa).

Desse modo, a presente pesquisa busca refletir sobre a diáspora negro-africana na cidade de Buenos Aires e as territorialidades da população afrodescendente, assim como localizar os antigos bairros negros da cidade (século XVIII e XIX) e evidenciar o gradual processo de exclusão e *suburbanização* (GELER, *et. alli.*, 2020) dessa população que passou a ocupar os



subúrbios e os arredores da cidade *portenã*. Abordaremos de forma aprofundada as territorialidades e as sociabilidades negras no século XIX, período de (r)existência das nações e dos antigos bairros negros. Nosso principal objeto de estudo:

E porque queremos descobrir as “especificidades de cada cidade” ou recuperar a “memória de um lugar”? Existe o fato óbvio de que esse é o objeto de nossa preocupação, seja pelo objetivo de nossa pesquisa, seja porque ela reflete o desejo de configurar uma geografia não tão amarrada a imobilizações conceituais (...) (SILVA, 2002, p. 74).

Existe uma geografia (material ou discursiva) na relação dos grupos sociais com o meio em qualquer período da história e em qualquer agrupamento humano que compõe parte de cada sociedade (MORAES, 2005, p. 24). Tendo em vista as categorias de análise *tempo* e *espaço*, podemos considerar as transformações espaciais ao longo dos processos produtivos que nos revelam distintas organizações sociais, econômicas e políticas; portanto, variadas geografias que se configuram no espaço em diferentes momentos. Ao refletir sobre o processo de formação das cidades, Silva (2002) assinala que:

Há que se considerar o processo histórico de formação e desenvolvimento da sociedade, e conseqüentemente da cidade. As formas sociais são produtos históricos, resultado da ação humana sobre a superfície terrestre, expressando a cada momento as relações sociais que lhe deram origem (p. 72).

Nesse sentido, partimos da perspectiva histórico-geográfica para analisarmos a formação dos antigos bairros negros da cidade de Buenos Aires, através da leitura bibliográfica que retrata esse período (séculos XVIII e XIX) e da análise documental (censos, fotografias, mapas) para interpretarmos as ações, espacialidades e socializações pretéritas de africanos/as no espaço urbano *porteño*.

Abreu (2000) aponta que as geografias históricas trabalham com fragmentos do passado e que, portanto, é fundamental a realização de um levantamento bibliográfico referente ao tempo que se pretende estudar – o que o autor denomina *pesquisa indireta* –, isto é, o conteúdo que já foi produzido sobre esse período específico, e a *pesquisa direta*, realizada nas diversas fontes históricas e arquivos, tendo em vista, entretanto, que os documentos não são neutros. São necessários também os trabalhos de campo para detectar se há traços da paisagem pretérita analisada (ABREU, 2000).

Nesse contexto, os aportes teórico-metodológicos da Geografia Histórica referenciam e sustentam o debate sobre a formação dos antigos bairros negros da cidade de Buenos Aires nos séculos XVIII e XIX, além de evidenciarem as narrativas e memórias dos/as sujeitos/as



socialmente excluídos/as:

Dessa maneira, sem termos a pretensão de recuperar o passado tal como ele aconteceu, objetivo impossível de alcançar, conseguiremos adquirir as ferramentas necessárias para que possamos analisar os processos e normas sociais então atuantes. Dessa forma, poderemos detectar as contradições então presentes, contextualizando as formas morfológicas, então produzidas pela sociedade e a relação que elas tiveram com as normas e com os processos sociais que lhes deram origem. Trabalho geográfico nada diferente dos produzidos para entender o momento presente, só que dirigido ao entendimento do passado de um lugar (SILVA, 2002, p.75).

Milton Santos (2014) propõe quatro “categorias do método geográfico”, sendo elas, *estrutura, processo, função e forma*, que nos possibilitam a análise da relação entre população negra e o espaço geográfico da cidade de Buenos Aires. Empregá-las de maneira conjunta conforme indicado pelo autor, ajudou-nos a compreender a entrada compulsória de africanos/as na Argentina e em Buenos Aires (SANTOS 2014). Assim, para este momento da pesquisa nossa perspectiva é multiescalar, envolvendo a análise do tráfico transatlântico e da colonização da América do Sul, que representa a efetivação da ocupação do espaço - através das distintas violências, tanto simbólicas quanto físicas -, e que “expressa a instalação do elemento externo, do que chega àquele espaço” (MORAES, 2005, p. 63). Sobre isso, Moraes (2005) enfatiza que:

A colonização implica a criação de uma nova estrutura nas terras incorporadas ao patrimônio da sociedade que se expande, uma estrutura articulada com os interesses da expansão, comumente localizados no centro difusor original. A inexistência deste centro toma o processo expansivo, não uma colonização, mas uma migração de hábitat, o que configura uma situação geográfica diversa (submetida a outras determinações). Assim, à colônia corresponde a existência de uma metrópole, que atua como núcleo irradiador do dinamismo que impulsiona a própria consolidação da colônia e o avanço do movimento colonizador. Portanto, as novas estruturas criadas no solo colonial devem responder funcionalmente aos interesses da metrópole, aos quais estão subordinadas. A colônia deve ser um anexo territorial do território metropolitano, uma adição de espaço à economia do país colonizador (pp. 63-64).

Nessa perspectiva, a função fornecedora de matéria-prima realizada pela cidade de Buenos Aires inserida no sistema colonial-mercantilista, permite entender, em certa medida, sua estrutura. E, através desta, algumas contradições.

Ao refletirmos sobre as diásporas negro-africanas é prudente considerar as des-re-territorialização desses/as sujeitos/as (HAESBAERT, 2016). Trata-se, portanto, de uma análise plural para entender as práticas e ações de negros e negras no espaço.

Desse modo, estamos de acordo com Lemos (2018) quando a autora explicita que “buscamos alternativas para conhecer e superar o colonialismo eurocêntrico” (p. 117) na academia. Pleiteamos, portanto, uma Ciência Geográfica que contemple a espacialização das relações étnico-raciais da população negra-diaspórica. Nesse movimento, nos aproximamos de outras áreas das ciências humanas, como História, Antropologia e, inclusive, da Arqueologia



Urbana (SCHÁVELZON, 2003). No intuito de aprimorar nossa investigação, “a interdisciplinaridade foi uma constante nesta pesquisa, pois para o entendimento do espaço geográfico é necessário uma inter-relação epistemológica entre diferentes áreas do conhecimento” (GUIMARÃES, 2015, p. 17).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreendermos o processo de formação dos antigos bairros negros na cidade de Buenos Aires é necessário, sobretudo, realizar um breve aporte histórico-geográfico da formação da cidade que, caracterizamos, num primeiro momento, como cidade colonial, e, posteriormente, como a cidade pós-independência.

A cidade de Buenos Aires possui uma particularidade em sua formação, pois teve duas fundações, sendo a primeira delas em 1536 com a campanha de Dom Pedro de Mendoza e seus expedicionários - cerca de 1500 homens. Mendoza, a pedido da coroa espanhola, se instalou no sítio e proclamou a primeira fundação da cidade com a ordem de busca por matéria-prima para exploração, que respondia à lógica mercantilista da relação metrópole-colônia. Todavia, os conflitos com os povos originários locais foram intensificados ao ponto de Mendoza e seus homens deixarem o território e seguirem para o que hoje é o Paraguai, e fundarem a cidade de Assunção (SCOBIE, 1974; DIFRIERI, 1981):

A origem de Buenos Aires tem no seu porto o marco inicial, quando Dom Pedro de Mendoza e seus expedicionários encontraram nas primeiras terras altas em 1536 as possibilidades de ali fundarem a cidade. Esta não foi só o instrumento de que se valeram as metrópoles - de Espanha e Portugal - para fazer concreta a expansão territorial, mas também era a única forma de se consolidar os frutos que se esperavam da conquista (LEMOS, 1996, p. 249).

A segunda fundação de Buenos Aires data o ano de 1580 - quarenta e quatro anos após a primeira -, em 11 junho na expedição de Juan de Garay, com 60 homens. Essa fundação estava relacionada às exigências de ordem econômica (escoamento das matérias-primas pelo porto - Rio da Prata) e ordem estratégica (proteger o território contra o avanço português e o ataque de outras potências europeias). Foi instituída então, a cidade da “Santísima Trinidad” e o porto de “Santa María de los Buenos Ayres”, posteriormente, cidade de Buenos Aires (SCOBIE, 1974; DIFRIERI, 1981).

É importante destacarmos que na segunda fundação da cidade houve a aplicação das Leis das Índias por Garay que, como sugere Lemos (1996), podem ser consideradas as primeiras leis urbanísticas implementadas na América: “as novas cidades deveriam ter um modelo uniforme,



definido por um **código de Felipe II de 1563** que é a **primeira lei urbanística** da modernidade europeia implantada e transplantada à América” (**grifo nosso**, p. 129). Uma das características fundamentais dessa lei, era o planejamento urbano das cidades baseado no modelo *tabuleiro de xadrez*, que se constitui como um símbolo do processo de colonização espanhol nas Américas:

O modelo uniforme de tabuleiro com ruas retilíneas que definem os quarteirões (las manzanas, palavra que vem de uma medida catalã maçã) iguais, em geral quadrados com 100 m de lado. Partindo todos da praça principal que em geral abrange 4 quarteirões unidos e onde se localizam a igreja, o cabildo (paço municipal) as casas dos mercadores e a dos colonos mais ligados hierarquia do conquistador primeiro, aos mais ricos, ao longo tempo (LEMOS, 1996, p. 129).

Ainda hoje é possível identificar esse traçado urbano - que é uma herança do período colonial espanhol -, em importantes centros urbanos da América Latina de origem espanhola, como Lima, Uruguai, Bogotá, Cusco, dentre outras.

Os primeiros séculos da cidade colonial *porteña* foram marcados por pobreza e miséria, isso porque, a cidade pertencia ao vice-reinado do Alto Peru, que possuía a capital em Lima. Assim, as principais atividades econômicas da coroa estavam centralizadas nessa região e também em Potosí, atual Bolívia, onde havia grande concentração das minas - com a extração do ouro e da prata -, interligadas às províncias de Córdoba e Jujuy, na atual Argentina - responsáveis por fornecer alimento-, que possuíam as “alfândegas secas” e taxavam qualquer mercadoria advinda de Buenos Aires, como forma de boicote à comercialização dos produtos *porteños* (principalmente carne e couro).

Além disso, temendo a perda de produtos no traslado até a Espanha, a coroa ordenou o fechamento do porto como forma de impedir o contrabando de mercadorias e matérias-primas - principalmente o escoamento de metais preciosos -, sendo, portanto, oficializada a rota que ligava os portos de Sevilha e Lima (FUENTES, 2011), o que agravou a situação de miséria em Buenos Aires.

Mesmo com este rígido controle por parte da coroa, foi necessário que a população local encontrasse caminhos para a realização do contrabando como resposta às restrições estabelecidas e, principalmente, como forma de sobrevivência diante do cenário de escassez em que viviam. Desse modo, as atividades contrabandistas foram fundamentais para o dinamismo econômico da cidade colonial durante os séculos XVI e XVII.

Sobre as cidades portuárias, é importante destacarmos a existência de certa particularidade em sua conformação pois, elas produzem seu próprio espaço e estilo de vida, vinculados ao porto. Dentro das limitações impostas à Buenos Aires, a cidade colonial “chegou a ter uma certa importância econômica e também a ser um centro de negócios. Definiu-se uma classe social que se expressaria no espaço urbano: um mercado de negros e contrabandos”



(LEMOS, 1996, p. 252), que era impulsionado pela nascente elite local, os *criollos*<sup>3</sup>, e por representantes da Igreja que comercializavam com particulares portugueses e ingleses (ANDREWS, 1989).

No de 1713, foi assinado o *Tratado de Utrecht* entre Espanha e Inglaterra que, dentre as especificações, concedeu aos ingleses o direito exclusivo de comercialização de escravizados/as, o chamado “Asiento de los negros”, em troca, principalmente, de carne e couro no porto de Buenos Aires (LEMOS, 1996; FUENTES, 2011; SILVA, 2020):

Em 1713 o Tratado de Utrech autoriza os ingleses por três décadas o privilégio de comercializar negros o que lhes permite chegar a Buenos Aires e ao mesmo tempo que instalam o Mercado de Negros trazem manufaturas inglesas. Ao retomar levam charque, couros e outros produtos (LEMOS, 1996, p. 254).

Posteriormente, em 1776, devido aos conflitos internos na metrópole e às pressões dos *criollos* que pleiteavam maior liberdade comercial, a coroa espanhola criou o vice-reinado da Prata, que hoje compreende os territórios da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia, e concedeu à Buenos Aires a posição de capital do vice-reinado, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da cidade que se transformou em um importante centro econômico e administrativo colonial, ao ponto de ser considerada “a rainha da Prata” (LEMOS, 1996; GARCIA, 1991). A abertura do porto foi fundamental para esse dinamismo e constituiu-se enquanto elemento revitalizador da economia e também motor do processo de (re)produção do espaço urbano bonaerense, através das relações sociais estabelecidas.

Nesse contexto de grandes transformações econômicas, políticas, sociais e espaciais, é importante destacarmos a chegada massiva de escravizados/as africanos/as na cidade, como resultado da crescente comercialização que foi estabelecida no porto com a Espanha e outras potências europeias da época, principalmente a Inglaterra através do “Asiento de los Negros” (FUENTES, 2011; SILVA, 2020).

### **Enegrecendo o debate: perspectiva(s) de uma Buenos Aires Negra**

No final do século XVIII e início do século XIX cerca de 35% dos/as habitantes da cidade de Buenos Aires eram de origem africana e possuíam suas próprias culturas, idiomas, costumes, organizações, religiões, suas músicas, arquitetura, vestimentas, bailes etc. (SCHÁVELZON, 2003).

A partir da análise da base de dados “Comércio Transatlântico de Escravos”, foi possível

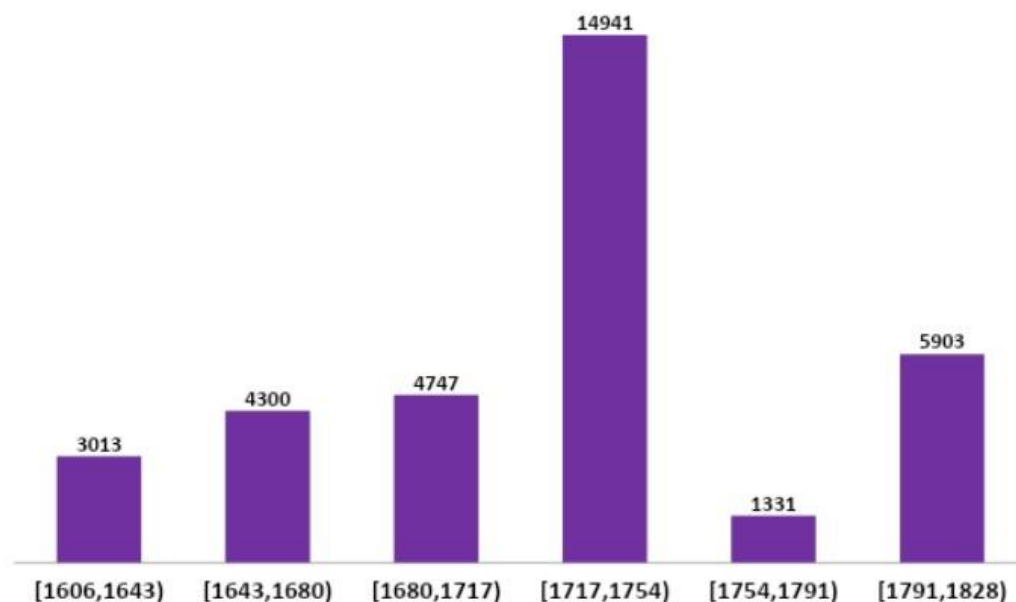
---

<sup>3</sup> Criollos eram descendentes de espanhóis nascidos nas colônias. Em geral, pertenciam à classe dirigente da América hispânica, isto é, compunham a elite local.



realizar um levantamento do fluxo de escravizados que chegaram na cidade de Buenos Aires (**Gráfico 1**), lembrando que há uma margem de erro na contabilização desses/as sujeitos/as, pois, muitos/as eram contrabandeados/as, outros/as morriam na travessia transatlântica forçosa ou não eram contabilizados/as nos censos da cidade.

**Gráfico 1: Desembarque compulsório de africanos/as escravizados/as no porto de Buenos Aires (1606- 1828)**



**Fonte:** “Comércio Transatlântico de Escravos. Base de dados”. Disponível em: <https://slavevoyages.org/voyage/database>. Acesso em: dezembro de 2020.

Importante ressaltar que a base de dados registra aproximadamente 35.000 viagens de “navios negreiros” legais - pois, os navios de contrabando não deixaram resquícios documentais -, que trouxeram de 12 a 15 milhões de africanos/as a todos os países das Américas. A partir desse site podemos verificar a quantidade de homens, mulheres e crianças que saíram de Áfricas, de quais portos africanos saíram e quantos chegaram e em qual data e porto nas Américas (WALKER, 2012).

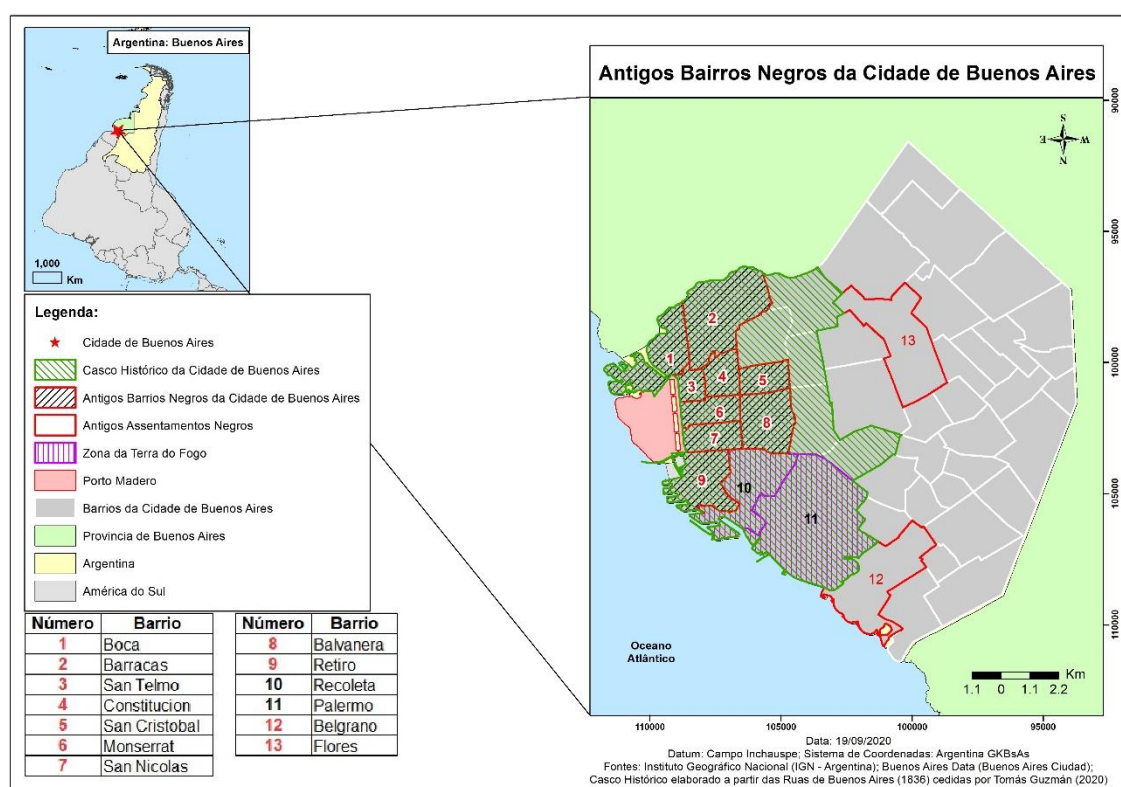
A partir do **gráfico 1**, que está dividido em um intervalo de trinta e sete anos, podemos





observar que houve uma maior quantidade de escravizados/as que desembarcaram compulsoriamente na cidade de Buenos Aires entre os anos de 1717 e 1754, após a assinatura do tratado de Utrecht. Para além da análise demográfica, esse dado nos possibilita refletir também sobre o protagonismo dessa população afro-diaspórica no processo de formação da cidade e, conseqüentemente, dos antigos bairros negros localizados próximos ao *Puerto Madero*, como pode ser observado na **figura 1**, que ilustra a ocupação inicial do espaço urbano bonaerense e também local onde prevaleciam os terrenos desvalorizados da cidade, por ser uma região inundável (GUZMÁN, 2012). Eram eles: Boca, Barracas, San Telmo, Constitución, San Cristóbal, Monserrat, San Nicolás, Balvanera e Retiro (SILVA, 2020).

**Figura 1: Localização dos Antigos bairros negros da cidade de Buenos Aires (século XVIII-XIX)**



**Figura 1:** Casco Histórico<sup>23</sup> e antigos bairros negros da cidade de Buenos Aires. Fonte: Andrews (1989), Schávelzon (2003) e Geler (2010). Casco Histórico cedido e georreferenciado por Tomás Guzmán (2012) (SILVA, 2020).

Nossa hipótese é a de que esses antigos bairros negros fazem parte da história da formação da cidade de Buenos Aires e ocupavam uma grande área do que hoje é considerado o *Casco Histórico* (GELER, 2010) e, naquele tempo, a cidade colonial.



## Os antigos bairros negros: memória(s) e (re)significações

Para nossos estudos, compreendemos a ideia de bairro enquanto uma unidade geográfica que nos possibilita apreender as relações sociais, raciais e espaciais cotidianas e nos permite refletir sobre as múltiplas territorialidades, isto é, as distintas formas como os grupos sociais constroem representações simbólicas, coexistentes e convergentes, que se materializam no espaço (BRAGA, 2019). Para Sack (1986):

A Territorialidade está intimamente relacionada em como as pessoas usam a terra e como elas organizam-se no espaço, e como elas dão sentido ao lugar. Claramente, essas relações mudam, e a melhor maneira de estudá-las é a de revelar sua mudança de caráter em relação ao tempo. A Territorialidade assim repousa em duas tradições geográficas: a Geografia Social e a Geografia Histórica” (p. 3)

Desse modo, o autor define a territorialidade enquanto o uso histórico do espaço, sendo, portanto, algo socialmente construído: “ela é o componente geográfico chave para se entender como a sociedade e o espaço estão interconectados” (SACK, 1989, p. 5). Assim, podemos correlacionar a morfologia e as práticas cotidianas do bairro com as *territorialidades negras*, ao acrescentarmos em nossa análise o elemento raça, enquanto uma leitura espacial, pois, “as relações raciais grafam o espaço, constituem-se no espaço e com o espaço” (SANTOS, 2012, p. 38). É importante destacarmos que o termo bairro é empregado na Argentina para definir tanto a ideia de vizinhança local, como a de subúrbios (SABUGO, 2001).

Os antigos bairros negros foram formados em meados do século XVII com a massiva chegada forçosa de africanos/as na cidade de Buenos Aires. Eram também conhecidos como bairros do tambor (*barrios del tambor*) em referência ao instrumento musical utilizado em festas, rituais e encontros pelas diversas etnias africanas que habitavam essa região (ANDREWS, 1989; SCHÁVELZON, 2003; GELER, 2010). Oficialmente, eles não foram reconhecidos pelo vice-reinado, tampouco pelos dirigentes da cidade pós independência, fato que demonstra a invisibilização da população afrodescendente na história e memória da cidade de Buenos Aires.

Nesses bairros estavam localizadas as *nações*<sup>4</sup> (ANDREWS, 1989; SCHÁVELZON, 2003; MOLINA; LÓPEZ, 2012), que podem ser definidas como organizações em comunidade e espaços de resistência, onde as etnias africanas podiam, sem restrições e proibição, praticar suas atividades políticas, culturais e religiosas, isto é, se reproduzirem enquanto grupo social, através da re-territorialização de suas práticas:

As nações recriavam, na medida do possível, o acervo cultural africano, realizando

---

<sup>4</sup> Foram identificadas mais de 50 nações sendo o surgimento das primeiras, Guiné e Congo, no ano de 1770 (ANDREWS, 1989).



festas, bailes e “candombes”: toque e dança do Rio da prata. Uma grande quantidade de nações cumpriu com os requisitos oficiais e funcionaram no nosso território (MOLINA; LÓPEZ, 2012, p. 111).

Nessa perspectiva, compreendemos as *nações* como uma extensão de Áfricas, isto é, como uma memória afro-diaspórica, pois, reproduziam parte das práticas sociais dessa população em território americano ou, como assinala Lélia Gonzalez (1988), *amefricano*<sup>5</sup>. Além disso, corroboram para a identificação desses antigos bairros enquanto localização e territorialização da população negra na cidade de Buenos Aires.

## REPENSANDO CAMINHOS: PARA NÃO CONCLUIR

É imprescindível que nós pesquisadores/as possamos dialogar com as epistemologias plurais para a construção de leituras de mundo e, conseqüentemente, espaciais, que valorizem as distintas narrativas e concepções geográficas. Desse modo, compreendemos que essa pesquisa problematiza alguns conceitos já consolidados da Geografia ao considerar a perspectiva racial enquanto elemento de análise dos estudos espaciais e pode também contribuir para a conformação de uma ciência descolonizada no campo das ciências humanas.

A geografia estuda bairros, mas não há elementos que considerem as questões raciais (existe apenas uma racialidade branconcetada). Assim, o estudo sobre os antigos bairros negros têm nos possibilitado compreender as relações espaciais através de uma perspectiva racial que remonta não só a história, mas também a memória da cidade de Buenos Aires e nos auxilia a reconstituir uma parte da história argentina que foi apagada.

Nesse sentido, destacamos a importância na utilização da categoria de análise espaço-tempo para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizada a partir dos estudos geo-históricos que nos permite trabalhar com fragmentos do passado, para interpretarmos as ações, espacialidades e socializações pretéritas. Em nosso caso, foi possível realizar o levantamento de dados relacionados aos antigos bairros negros através da investigação bibliográfica e leitura de documentos oficiais (como os censos).

---

<sup>5</sup> A categoria político-cultural de *amefricanidade* da autora é uma releitura da ideia de “América” que centraliza o protagonismo de povos afro-diaspóricos e indígenas na formação do território americano.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. “Construindo uma Geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII”. **GEOUSP, Espaço e Tempo**. Departamento de Geografia. USP, São Paulo, 2000, p. 13-25.
- ANDREWS, G. R. **Los Afroargentinos de Buenos Aires**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor S.R.L., 1989.
- BRAGA, T. J. K. A territorialidade do corpo negro na USP. 134f. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- DIFRIERI, H. **Atlas de Buenos Aires. Tomo I. Textos**. Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires. Secretaria de Cultura, 1981.
- FUENTES, L. G. "El tráfico de negros hacia América". In: **Tres grandes cuestiones de la historia de Iberoamérica: ensayos y monografías**. Madrid: Fundación Ignacio Larramendi, 2011. Disponível em: <http://www.larramendi.es/es/consulta/registro.do?control=FIL20090007369>. Acesso em: abril de 2020.
- GARCIA, E. V. **As duas Argentinas**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- GELER, L. **Andares negros, caminos blancos: afroporteños, Estado y Nación. Argentina a fines del siglo XIX**. Rosario: Prohistoria Ediciones, TEIAA (Universidad de Barcelona), 2010.
- GELER, L.; YANNONE, C.; EGIDO, A. “Afroargentinos de Buenos Aires en el siglo XX. El proceso de suburbanización”. In: **Quinto Sol**, 24(3), 2020.
- GUIMARÃES, G. F. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de Heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. 352 f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências - Departamento de Geografia, Salvador, 2015.
- GUZMÁN, T. “El plano de una ciudad desigual. La distribución espacial de la riqueza en la ciudad de Buenos Aires en 1839”. In: **Quinto Sol**, Vol. 16, No 1, enero-junio 2012.
- HAESBAERT, R. H. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- LE MOS, A. I. G. **Modernidade e metrópoles Latino-Americanas. Rio de Janeiro e Buenos Aires**. f. 371. 1996. Tese apresentada ao departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Livre-Docência. São Paulo, 1996.



- \_\_\_\_\_. “Em busca de uma Geografia Latino-Americana Crítica ou por uma Geografia Mestiça”. In: **Boletim Paulista de Geografia**, v. 100, p. 112-119, 2018.
- MOLINA, L. D.; LÓPEZ, M. L. “Aportes de africanos y afrodescendientes a la identidad nacional argentina. Una visión afrogénica”. In: WALKER, Sheila S. (cop) **Conocimiento desde Adentro. Los Afrosudamericanos hablan de sus pueblos y sus historias**. 2a. edición en castellano, Cauca: Editorial Universidad del Cauca, Noviembre de 2012.
- MORAES, A. L. **Memórias da população negra da cidade de São Paulo: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1725-1904)**. 45 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MORAES, A. C. R. **Território e História no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- SABUGO, M. “El barrio, al fin de cuentas: definiciones y problemas en torno a la idea de ‘barrio’”. **Seminario de Crítica**. 30 de noviembre de 2001. Disponível em: <http://www.iaa.fadu.uba.ar/publicaciones/critica/0122.pdf> . Acesso em setembro de 2021.
- SACK, R. D. **Territorialidade Humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5. ed., 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SANTOS, R. E. “Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano”. In: SANTOS, Renato Emerson dos. (org) **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, 2012.
- SCHÁVELZON, D. **Buenos Aires negra: arqueología histórica de una ciudad silenciada**. Buenos Aires: Emené, 2003.
- SCOBIE, J R. **Buenos Aires. Plaza to Suburb, 1870-1910**. New York: Oxford University Press, 1974.
- SILVA, B. P. “Buenos Aires Negra, Negra Buenos Aires: uma contextualização acerca das geografias negras da cidade (século XIX)”. In: **Boletim Paulista de Geografia**, n. 104: Edição Especial – Geografia e relações étnico-raciais. (pp. 121-141), São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/2021>. Acesso em 09/02/2021.
- SILVA, M.W. **A Paisagem Urbana da Cidade de São Paulo na visão de viajantes estrangeiros, 1808-1858**. 234f. Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Curso de Pós-Graduação em Geografia – Área de Concentração em Organização do Espaço, para obtenção do Título de Mestre em Geografia, Rio Claro, São Paulo, 2002.



SLAVE VOYAGE. **Comércio Transatlântico de Escravos. Base de dados.** Disponível em:  
<https://slavevoyages.org/voyage/database> . Acesso em: dezembro de 2020.

WALKER, S. S. “Recolocando los pedazos de Osiris/Recomponiendo el rompecabezas. La diáspora africana en la América del Sur hispanohablante”. In: WALKER, Sheila S. (cop) **Conocimiento desde Adentro. Los Afrosudamericanos hablan de sus pueblos y sus historias.** 2a. edición en castellano, Cauca: Editorial Universidad del Cauca, Noviembre de 2012.